

**ROTA 1923 - DA PATAVINA À PERSPECTIVA: EXPERIÊNCIAS DE
RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA EM CIÊNCIAS SOCIAIS NUMA
ESCOLA DE PERNAMBUCO**

Natália Suzanne Lopes de Oliveira¹
Laís Vitória Mousinho Lourenço²
Dayane Bezerra da Silva³
Anderson Vicente da Silva⁴

Intencionar a educação como um ambiente de inclusão e de oportunidades tem ficado cada vez mais difícil, não que a educação tenha perdido o seu potencial emancipatório, tão bem descrito por Paulo Freire, mas percebe-se cada vez mais o avanço de projetos políticos que cerceiam o direito a uma educação pública, gratuita e de qualidade, que por sua vez é intrínseca à cidadania. O presente programa de residência pedagógica tem seu início em um momento de constante preocupação com os rumos da educação brasileira, onde o ensino de Sociologia vem perdendo espaço no currículo básico de conteúdo oferecido pelas escolas, que assume caráter tecnicista.

Pensar o ensino de sociologia em um período em que a luta para o manter minimamente nas escolas e que há um processo em curso de sucateamento do pensamento crítico de quem acessa esses ambiente, tem seus desafios. Em plena era da informação e após um longo período pandêmico em que tudo passa a estar a distância de um toque em um teclado, ingressar em uma escola que por falta de investimento público parece ter sido esquecida no século passado trouxe sua primeira complicação, a adaptação da docência para um ambiente escolar sem acesso a recursos tecnológicos e didáticos.

A partir de 2018, é implementado no Brasil o Programa de Residência Pedagógica, reflexo das atividades experienciadas nas Residências em Saúde. O programa surge em uma conjuntura conflituosa da educação brasileira, que ensaia transformações e retrocessos significativos no que tange o alcance e as possibilidades do fazer educação em vias formais. Assim, defendendo o intuito de aperfeiçoar a formação dos professores, o ministro da educação,

¹ Graduando do Curso de Licenciatura em Ciências Sociais da Universidade de Pernambuco - UPE, natalia.loliveira@upe.br;

² Graduando do Curso de Licenciatura em Ciências Sociais da Universidade de Pernambuco - UPE, lais.mousinho@upe.br;

³ Graduanda do Curso de Licenciatura em Ciências Sociais da Universidade de Pernambuco - UPE, dayane.bezerra@upe.br;

⁴ Professor orientador: Doutor em Antropologia, Universidade Federal de Pernambuco- UFPE, Docente, Universidade de Pernambuco – UPE, eanderson.silva@upe.br.

Mendonça Filho, anuncia o lançamento da Residência Pedagógica, integrante de um conjunto de projetos que fortalecem a permanência e o fazer docente dos estudantes.

Sob discurso que apontava a incapacidade dos recém-licenciados em assumir salas de aula, a Residência Pedagógica assume a responsabilidade de integrar a teoria e a prática, com os professores em formação tendo oportunidade de exercer a docência sob orientação, enquanto podem ter contato com as condições reais apresentadas pelas escolas. Volvida pelo caráter estimulante para pensar e discutir o fazer das Residências em Saúde, o desenvolvimento e trabalho galgado pelo residente, preceptor e toda comunidade escolar é reduzido. A Residência Pedagógica peca na falta de reconhecimento de sua potência, sendo descredibilizado seu cunho formador e avançado na construção de uma carreira profissional.

É necessário que a estrutura da Residência Pedagógica seja repensada para valorizar o intenso trabalho que é exercido por seus atores e para melhor atender às realidades dispostas para cada disciplina que se propõe abarcar. Afinal, é imensamente dificultoso, sendo licencianda em Ciências Sociais e lecionando Sociologia na escola, cumprir com as obrigações exigidas pelo programa, quando o mesmo não leva em consideração todas as limitações e percalços que a disciplina enfrenta para se manter presente no currículo da Educação Básica. Faz-se imprescindível a vigilância e articulação para pressionar a idealização e efetivação do Programa de Residência Pedagógica de uma maneira real, edificante e reconhecida.

Para Zeichner (2013), a residência pedagógica é um forte e importante papel das universidades e instituições de ensino superior, tanto no estabelecimento de um maior diálogo com os professores e a realidade da escola básica quanto na orientação e na avaliação da formação dos (futuros) professores envolvidos. Diante do reconhecimento da importância do contato prático com a sala de aula, realizou-se durante os meses de novembro de 2022 e abril de 2023 o primeiro módulo do PRP com os/as discentes da Universidade de Pernambuco.

A experiência realizou-se na Escola Estadual Walfrido Advincula. Localizada no município de Paulista, na região metropolitana do Recife, a instituição encontra-se no bairro de Chã da Mangabeira. A comunidade está localizada em um ponto alto da cidade, onde há apenas uma rota de subida e descida. A paisagem é composta por sítios, granjas e um número expressivo de templos religiosos, sendo a maioria deles protestantes.

A religiosidade é algo bastante presente entre os/as moradores/as da localidade, inclusive dos/as estudantes da Walfrido e de suas famílias, que são predominantemente evangélicas, de igrejas pentecostais. Outros fatores relevantes que podem ser destacados na descrição do perfil da comunidade são: a situação de vulnerabilidade socioeconômica da

maioria dos/as moradores/as, a presença do tráfico e do consumo de drogas no local, a questão da violência e o pouco acesso à educação básica.

Sobre o último ponto destacado, é importante relatar que durante o período residido na unidade de ensino, foi revelado pela comunidade escolar que o número de evasão costuma ser bastante alto, e que dois dos principais motivos são: “meninos saem para trabalhar (normalmente em empregos informais), e meninas saem por que engravidam”. É válido explicar ainda que a maior parte dos/as estudantes da Walfrido cursam o ensino fundamental, o que agrava a problemática.

É possível perceber que a sexualização precoce é algo bastante presente entre os/as estudantes, sobretudo nas meninas. Além dos aspectos biológicos e sociais da idade, tornam-se nítidas questões culturais advindas de grupos religiosos, conservadores e com pouco ou nenhum nível de escolaridade. Dentre os aspectos perceptíveis, estão as questões de gênero e sexualidade, tidas como um tabu para a grande maioria do grupo.

Observando as particularidades do grupo, tornou-se necessário realizar intervenções pedagógicas que fossem capazes de provocar reflexões a respeito de questões sociais como o racismo, a violência, o machismo, os papéis de gênero, o capitalismo, os movimentos de resistência e a identidade cultural. Todas as temáticas escolhidas e os recursos didáticos utilizados foram empregados com o objetivo de problematizar a realidade social vivenciada pelos/as estudantes, provocando inquietação e transformação sobre a mesma.

A sociologia aponta a identidade como o conjunto de significados que definem alguém enquanto desempenha um papel na sociedade. De acordo com Giddens (2002) a identidade não consiste no comportamento individual, e sim na capacidade do agente em estabelecer e dar continuidade a uma narrativa a respeito de sua própria história. A partir da problemática apresentada pela falta de compreensão acerca da construção das identidades individuais e culturais dos estudantes, surge a necessidade da criação de um projeto de intervenção que integre os diálogos e reflexões abordados em sala de aula à construção de referências identitárias e a percepção individual de agência.

A primeira atividade de intervenção surge a partir da aula “Identidades femininas e resistência” ministrada na semana do 8 de março, que teve como objetivo apresentar aos estudantes imagens de mulheres que fizeram parte da construção da nossa história, após o diálogo a atividade proposta aos estudantes foi a escrita de um texto que apresentasse a história de mulheres socialmente semelhantes que inspiram coragem e resistência, e com as quais eles se reconhecessem. A escrita estudantil não foi proposta unicamente com a função de demonstrar a habilidade de escrita ou pontuar suas fraquezas, mas como ferramenta de expressão de sua

aprendizagem e do seu reconhecimento como agentes individuais e membros ativos de um diálogo, como bem pontua Charles Bazerman (2021, p. 46):

O movimento de escrita pessoal é uma tentativa de enfrentar o peso potencialmente opressivo da autoridade. Os alunos são, pelo menos, as autoridades de suas próprias vidas e sentimentos. A escrita pessoal pode ser de grande interesse para as pessoas que os cercam. Mesmo se a escrita imaginativa não chega aos padrões de trabalhos profissionais publicados, tem um valor especial se é feita e compartilhada por pessoas familiares umas com as outras. Se colegas, família e amigos constituem a audiência, a escrita constrói identidade, relações e compreensão mútua.

A segunda atividade de intervenção proposta foi a construção de uma oficina de *Stencil*, que é uma prática de estamperia milenar, também conhecida como molde vazado, onde a partir da produção dos moldes seriam estampadas as camisetas pelos próprios estudantes, a escolha dos moldes parte da construção da identidade e da percepção das figuras representativas trabalhadas na primeira etapa, com o resultado da atividade escrita foi solicitado aos estudantes que elencassem personagens históricos com os quais se sentiam representados para serem estampados em seu fardamento.

A escolha do *Stencil* como prática pedagógica assim como a escrita, se deu com o objetivo de desenvolver nos estudantes as suas potencialidades, através do estímulo a criatividade desenvolve-se a observação, imaginação e a sensibilidade, que contribuem para construção da identidade e da consciência de participação na construção do seu meio social, como conclui o professor Severino Antônio (2002), o reencantamento do mundo e da aprendizagem precisa de uma redescoberta da poesia. Para educar a sensibilidade, a inteligência, a imaginação. Um novo olhar, uma nova escuta poética.

É evidente a falta de estrutura e espaço para o ensino e aprendizagem da Sociologia na atual conjuntura educacional do Brasil, aqui particularmente analisada a situação de Pernambuco, e que tal despreparo afeta gravemente a formação e o futuro de estudantes e docentes graduandos. No entanto, o engajamento com o pensamento crítico de Bell Hooks (2017) que afirma que “é possível educar para a prática de liberdade” é capaz de motivar ações e afim de transpassar as barreiras fincadas na manutenção da desigualdade e exploração das classes mais desprovidas.

Com isso, a experiência na Escola Estadual Walfrido Advíncula concretiza a necessidade de estar em constante estado de vigilância e ação; é vigiando, denunciando e resistindo que movimentamos estruturas, através de ações que buscam a massificação do entendimento do revolucionário pensamento libertário que existir e afirmar a própria identidade e o que se representa é um direito.

Palavras-chave: Residência Pedagógica, Ciências Sociais, Educação

REFERÊNCIAS

ANTÔNIO, Severino. **Educação e Transdisciplinaridade:** Crise e reencantamento da aprendizagem. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002

BAZERMAN, Charles. **Gênero, agência e escrita.** 2. ed. Recife: Pipa Comunicação, Campina Grande: ED UFCG, 2021.

FARIA, Juliana; PEREIRA, Julio. **Residência Pedagógica: afinal, o que é isso?** R. Educ. Públ. Cuiabá, v. 28, n. 68, p. 333-356, maio/ago. 2019.

GIDDENS, Anthony. **Modernidade e identidade.** Rio de Janeiro: J. Zahar, 2002.

ZEICHNER, K. M. **Políticas de formação de professores nos Estados Unidos: Como e por que elas afetam vários países no mundo.** Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

HOOKS, Bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática de liberdade.** São Paulo: Editora Martins Fontes, 2017.